



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

**A ORIENTAÇÃO ACADÊMICA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

ANA LUÍSA DE LIMA LOPES

Brasília, DF
2017

ANA LUÍSA DE LIMA LOPES

**A ORIENTAÇÃO ACADÊMICA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO**

Trabalho Final de Curso apresentado, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Maria da Conceição da Silva Freitas.

Brasília, DF
2017

TERMO DE APROVAÇÃO

ANA LUÍSA DE LIMA LOPES

A ORIENTAÇÃO ACADÊMICA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Trabalho Final de Curso apresentado, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Maria da Conceição da Silva Freitas.

Comissão Examinadora:

Prof^a. Dra Maria da Conceição da Silva Freitas (orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof^a. Luzia Costa de Sousa (examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof^a. Tatiana Yokoy (examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília-DF, julho/2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Deus pela minha vida e por ter me guiado por todos os caminhos que me trouxeram até aqui.

Aos meus pais Roberto Itajahy Lopes e Marisa Helena de Lima, que sempre me proporcionaram um ambiente caseiro onde pude me expressar e ser eu mesma. Também às minhas irmãs Maria Paula de Lima Lopes e Andréia Cristina de Lima Lopes que, juntamente com meus pais, aguentaram todos os estresses e alegrias que vieram junto com a graduação. Muito obrigada por sempre me amarem.

Agradeço também à minha orientadora, a Professora Dr^a Maria da Conceição da Silva Freitas, que me acolheu neste trabalho, ouviu minhas ideias e me ajudou a colocá-las em prática. Sua fé em mim e em minhas ideias me deram a coragem para concluir esta pesquisa.

Aos meus amigos que me encorajam a sempre ser eu mesma. Todas as nossas conversas, sérias ou não, todos os sonhos e projetos para o futuro, todas as ajudas e conselhos, todas as nossas experiências juntos. Vocês me ajudaram a relaxar e me divertir quando o fardo parecia pesado demais para aguentar sozinha.

Agradeço também à natureza, que me proporciona momentos de conexão com o mundo, e está sempre me lembrando que existe um mundo ao meu redor, do qual preciso participar.

Ao curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, e tudo que aprendi durante minha graduação.

À professora Dr^a Sônia Marisa, que foi tão importante me orientando durante a maioria dos projetos durante minha graduação, e foi decisiva na maneira como enxergo a orientação acadêmica hoje em dia.

Ao ambiente da Universidade de Brasília, que sempre foi tão acolhedor.

Assim como a todas pessoas que se disponibilizaram, de alguma maneira, a me ajudar na elaboração deste trabalho.

Dedico este trabalho a todas as pessoas que, assim como eu, já se sentiram desorientadas ou perdidas em algum momento da vida.

"Onde quer que atuem, os pedagogos são motivados pela perspectiva emancipatória da educação."

Trecho retirado do site da UnB. Acesso em 20/06/2017 às 16h20.
http://unb2.unb.br/aluno_de_graduacao/cursos/pedagogia.

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
APRESENTAÇÃO	10
PARTE I - MEMORIAL EDUCATIVO	11
1. MEMORIAL ACADÊMICO	12
PARTE II – MONOGRAFIA	20
1. INTRODUÇÃO	21
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	32
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
4. PERSPECTIVAS PARA O FUTURO	43
5. REFERÊNCIAS	44
APÊNDICES	46

LOPES, Ana Luísa de Lima. **A orientação acadêmica na Universidade de Brasília: um estudo exploratório.** 2017. 48 p. Monografia (Graduação de Pedagogia) – Faculdade de Educação – Universidade de Brasília – UnB, Brasília – DF.

RESUMO

O presente trabalho é um estudo exploratório, com o objetivo de investigar os impactos da orientação acadêmica na vida dos estudantes da Universidade de Brasília. A fim de alcançar este objetivo, foram propostos, como objetivos específicos: verificar as concepções dos alunos de quatro cursos, que abrangem as três grandes áreas de estudo da universidade (ciências da saúde, exatas e humanas), sobre orientação acadêmica; verificar a maneira como ocorre o contato com a orientação acadêmica; saber, junto aos alunos entrevistados, o que eles conhecem sobre o Serviço de Orientação ao Universitário (SOU); saber, junto à pedagoga do SOU, como está ocorrendo a orientação acadêmica lá; e verificar se os alunos entrevistados possuem conhecimentos básicos sobre seus cursos, suas responsabilidades e seus direitos na UnB. A problemática sobre a sua importância e as consequências da sua falta vieram a partir de experiências citadas no memorial acadêmico. É abordada a questão de o porquê a orientação ser uma prática social importante, a maneira como os documentos da UnB e do curso de Pedagogia determinam as condições nas quais a orientação deve acontecer e as competências do pedagogo como orientador. Os principais autores citados no trabalho são Guichard (2002), Quixadá Viana (2007) e Veiga (2007). A metodologia usada no trabalho foi o estudo exploratório, e as informações para análise dos dados foram coletadas através de entrevistas semiestruturadas com alunos de quatro cursos diversos da Universidade de Brasília, assim como uma pedagoga que atua no Serviço de Orientação ao Universitário (SOU). Através deste estudo, foi possível verificar que os estudantes da UnB não conhecem e, por isso, não exercem seu direito à orientação acadêmica, assim como verificou-se a maneira como a orientação ocorre no SOU. Também possibilitou a reflexão sobre estas relações de orientação, assim como maneiras de divulgar estes serviços para os alunos da universidade.

Palavras chave: orientação acadêmica, Universidade de Brasília, emancipação.

LOPES, Ana Luísa de Lima. **The academic orientation in the University of Brasilia: An exploratory study.** 2017. 48 p. Monography (Graduation of Pedagogy) - College of Education - University of Brasília - UnB, Brasilia - DF.

ABSTRACT

The present paper is an exploratory study, aiming at investigating the impacts the academic orientation has on the lives of the University of Brasilia's students. In order to achieve this objective, the following specific objectives were proposed: to verify the conceptions of students from four courses, covering the three major areas of study of the university (health sciences, exact and human), about academic orientation; To verify the way in which the contact with the academic orientation occurs; To know, with the students interviewed, what they know about the University Guidance Service (SOU); Knowing, along with the SOU pedagogue, how the academic orientation is taking place there; And verify if the students interviewed have basic knowledge about their courses, their responsibilities and their rights in UnB. The problematic of the importance of academic orientation and the consequences of the lack of it, came to be because of experiences that are talked about in the academic memorial. After that, in the theoretical referential, is approached the reason why orientation is an important social practice, how the UnB and Pedagogy documents determine how academic orientation should happen and the competences of the pedagogue as a guide. The main authors quoted in the paper are Guichard (2002), Quixadá Viana (2007) and Veiga (2007). The methodology used in the paper is the exploratory study, and the information for the data analysis were collected through semi structured interviews with students from four graduation courses from the University of Brasilia and the Pedagogue from University's student Orientation Services (SOU). Through this study was possible to verify that the UnB students don't know and, because of that, don't exercise their right to academic orientation, and to verify how the academic orientation happens in the SOU. Also made possible to reflect about these orientation relations and ways to spread the world about these services to the university students.

Key Words: academic orientation, University of Brasilia, emancipation.

APRESENTAÇÃO

Dividido em duas partes, este trabalho de conclusão de curso traz, em sua primeira parte o memorial educativo contendo a trajetória escolar e acadêmica. Nele é abordado o impacto da orientação acadêmica, e da falta dela, durante a graduação em Pedagogia. É destacada, também, a importância da orientação como campo de estudo.

Na segunda parte está presente a pesquisa deste trabalho de conclusão de curso para a obtenção do título de licenciada em pedagogia da Universidade de Brasília. Ela está dividida em quatro tópicos. No capítulo 1 do trabalho são abordados os referenciais teóricos, explicando a questão de a orientação ser uma atividade social, que tem impacto muito grande na vida do orientando. Também é citado, de acordo com os documentos da UnB e do curso de Pedagogia e Quixadá Viana (2007) e Veiga (2007), o que é a orientação acadêmica e a maneira como ela está prevista na Universidade de Brasília e no curso de Pedagogia. Ainda no referencial, comenta-se sobre o porquê de o pedagogo ser o profissional hábil a orientar, como também se introduz o Serviço de Orientação ao Universitário (SOU).

Posteriormente, comenta-se sobre o que é o estudo exploratório, e a relevância dele para esta pesquisa, assim como os delineamentos da pesquisa e seu universo de estudo.

Em seguida, é exposta a análise dos dados coletados com os estudantes e com a pedagoga, demonstrando os resultados da pesquisa, de acordo com a teoria de Quixadá Viana (2007) e Veiga (2007) e dos documentos analisados, presentes no capítulo 1.

PARTE I - MEMORIAL EDUCATIVO

1. Memorial acadêmico

Meu nome é Ana Luísa de Lima Lopes, nasci em 26 de fevereiro de 1993. Minha vida familiar foi muita boa. Cresci com meu pai, minha mãe e minhas duas irmãs. Sei que muitas características e o modo com ajo nas situações que a vida me joga são resultado de como fui educada em casa. Meus pais me deram um ótimo exemplo sobre como ser uma pessoa boa e honesta.

Não lembro muito dos meus primeiros anos na escola. Me lembro que tinha muitos amigos e que meus pais eram bem presentes (sempre iam e filmavam as apresentações que tinha na escola, assim como sempre me levavam e buscavam). Eu sempre gostei disso. Gostava muito de entrar no carro e contar para eles o que havia aprendido na escola. Sinto que esta parte da vida escolar foi muito importante para minha formação social, pois foi quando eu tinha muitos amigos e comecei a criar os laços de relacionamento humano.

No ensino fundamental eu aprendi bastante. Aprendi a base para toda a educação que recebi depois e ainda recebo. Estudei no colégio Notre Dame, onde tirava notas boas e tinha muitos amigos. Mudei de escola na metade do 9º ano, então 8ª série, fui para o colégio Objetivo, onde fiquei até concluir meus estudos. No colégio Objetivo é onde minhas memórias são recentes, portanto consigo lembrar. Foi lá que tive minha primeira experiência de notas ruins (fiquei de recuperação em Física e Matemática nos dois primeiros anos do Ensino Médio). Foi nessa época também que conheci os melhores professores que já tive e que me inspiram a prosseguir na carreira de educadora. Professores que além de passar o conteúdo de forma clara e fácil de entender, também se preocupavam com a formação moral dos alunos. Sempre estavam dispostos a conversar com a turma ou com qualquer aluno que estivesse passando por dificuldades, tentavam entender o ponto de vista dos alunos que estavam tendo dificuldade em suas matérias e eram amigos de todos os alunos da escola.

1.1. Intercâmbio

Na metade do terceiro ano do Ensino Médio, fui estudar no exterior. Terminei meus estudos numa escola particular no estado do Oregon, nos Estados Unidos da América. Fiquei lá por apenas 5 meses, mas foram meses muito importantes na formação da pessoa que sou hoje. Lá fiquei hospedada com uma Host Family (termo

usado para as famílias que recebem os intercambistas em suas casas), família que até hoje tenho contato e considero minha família longe de casa. Lá também amadureci muito, pois fiquei 5 meses tendo que estudar o dobro e correr atrás do “prejuízo”, pelo inglês não ser minha língua materna. Enquanto estudava, tive a oportunidade de aprender como funciona o governo do país em todos os seus âmbitos, desde a história dos partidos até o modo como as eleições funcionam lá. Também tive a oportunidade de fazer aulas de teatro para iniciantes, o que me ajudou bastante a perder um pouco da timidez na hora de fazer amizades. Além de outras matérias que me forçaram a estudar bastante. O programa de intercâmbio que fiz também dava acesso à tutorias de disciplinas que eu pudesse ter dificuldades, o que foi o caso na disciplina sobre o governo americano. A disciplina abordava a história do país que, por eu não ser cidadã de lá, tive muita dificuldade em entender algumas coisas. Não foi fácil, mas consegui tirar notas boas. O esforço valeu muito à pena.

1.2. A escolha de Pedagogia

Quando voltei do intercâmbio, minha vontade era de voltar para os Estados Unidos o mais rápido possível. Por isso, pensei que o curso ideal para mim era Relações Internacionais. Fiz dois vestibulares para a Universidade de Brasília, mas não passei. Então comecei a estudar Relações Internacionais no Centro Universitário IESB. Depois de dois semestres lá, percebi que não era o curso para mim. Percebi que não me via atuando na área, apenas se fosse para o magistério. E queria sair do curso o mais rápido possível. Foi quando comecei a pensar nos cursos que faziam sentido para mim, tirando o foco que antes era voltar para os Estados Unidos, e colocando-o no que me fazia sentir bem. Aí lembrei das vezes que já havia dado aulas para meus primos e como me sentia bem quando via resultados. Então percebi que a profissão seria professora. Mas também não me via sendo professora de nada específico. Apesar dos meus pais terem tentado me convencer a fazer o curso de Licenciatura Letras-Inglês, eu não me via como professora somente de inglês, e não me via dando aulas para adolescentes. Então entrei no *site* da UnB e procurei a lista de cursos ofertados no 1º vestibular de 2013 e achei o curso de Pedagogia. Conversei com meus pais e eles falaram para eu conversar com minha tia, que é formada no mesmo. Depois de conversar com ela, e pesquisar mais sobre o curso, finalmente me vi nesta área. Fiz o vestibular e passei.

Mas não foram apenas momentos felizes após a aprovação no vestibular, pois enfrentei muito preconceito pela escolha do curso. Parte de minha família me criticou bastante pela escolha do curso. Falaram que eu escolhi ser pobre e que se eu queria cuidar de crianças não precisava fazer faculdade. Apesar de ter ficado chateada com os comentários, eu entendi que as pessoas falam isso porque não conhecem o curso e porque a profissão professor não é vista como algo com “glamour” na sociedade em que vivemos. Mas eu não preciso de todo dinheiro do mundo ou do reconhecimento de todos. Ensinar já me basta.

1.3. Minha experiência acadêmica da UnB

Ingressei na UnB no 1º semestre de 2013. Quando as aulas começaram eu me senti um pouco perdida, pois havia apenas estudado em ambientes escolares particulares. Comecei a frequentar as aulas e achei que, por ser universidade pública, eu poderia falta-las e reprovar as matérias e não haveriam consequências graves. Frequentei a primeira semana de aulas e não achei o conteúdo interessante, pois estava ainda na euforia de estudar em universidade pública e estava absorvendo o ambiente. Por isso, acabei faltando muito no começo do semestre, e não me programei direito, pois tinha uma viagem marcada para o final do semestre, onde teria que me ausentar da universidade por 3 semanas. Então, por causa do cálculo que fiz das faltas que teria, decidi que seria melhor nem ir às aulas, pois iria reprovar pela quantidade de faltas de qualquer jeito. E acabei reprovando em todas as matérias do primeiro semestre com a nota SR (sem rendimento).

No segundo semestre da faculdade, já fiquei mais atenta às minhas faltas (me orientei através do meu erro no período anterior). Me matriculei em seis disciplinas, para tentar recuperar o tempo “perdido”. Destas seis, três foram matérias do primeiro semestre que estava cursando novamente. Nenhuma delas era Projeto 1 – Orientação Acadêmica Integral (OAI). Tive muita dificuldade em fazer alguns trabalhos em algumas disciplinas, pois nunca havia feito alguns dos tipos de trabalho. Mas consegui, com um pouco de pesquisa e ajuda de outros alunos, realizar tudo e passar nas matérias.

No terceiro semestre, Período 2014/1 da UnB, me matriculei em sete disciplinas, mas não consegui vaga em nenhuma das outras duas disciplinas que ainda faltavam cursar do primeiro semestre do curso. E comecei minha jornada nos Projetos que

fazem parte do projeto acadêmico do curso de Pedagogia da UnB, começando pelo Projeto 3 - Projetos Individualizados 1 (PESPE) (o correto seria eu ter cursado as disciplinas Projeto 1 e Projeto 2, que falarei mais sobre ao longo do texto). Fui para o projeto com o tema de Economia Solidária, pois meus amigos me chamaram para fazer e, como eu já estava no terceiro semestre do curso decidi que seria melhor me matricular logo para não “perder tempo” e me atrasar mais. Neste semestre, na prática e através dos textos de Projeto 3, comecei a entender o projeto acadêmico da Licenciatura em Pedagogia, como suas disciplinas são colocadas no fluxo, e estes aspectos do curso começaram a fazer um pouco de sentido para mim.

No meu quarto semestre de curso, me matriculei em nove disciplinas sendo uma delas, a disciplina mais importante que eu cursei durante a graduação, Projeto 01 – Orientação Acadêmica Integral. Desde o primeiro dia de aula, eu consegui entender o seu significado acadêmico e sua localização no fluxo. Percebi que a disciplina é voltada à orientação dos novos alunos. A disciplina, como também a professora, são formadas para orientar os alunos que acabaram de ingressar na universidade. O conteúdo da disciplina aborda questões fundamentais como o projeto acadêmico do curso de Pedagogia e as universidades públicas, ajudando não só nas questões técnicas do educando, mas também na construção do aluno que ele será na universidade. Também propõe ensinar aos alunos as técnicas oficiais de edição das várias formas de avaliação que possam ter ao longo do curso. Aprendi a escrever uma resenha de forma adequada, assim como um artigo científico, fui orientada na questão de seminários, planos de aula e estudos dirigidos. Essas atividades serem feitas no primeiro semestre é de suma importância, pois o modo como os trabalhos são apresentados constituem uma parte da nota do trabalho, e a orientação acadêmica oferece a base para todos estes métodos de avaliação citados acima.

Ao longo da minha jornada acadêmica, eu não tinha uma noção do que eram, de fato, os projetos do curso de Pedagogia, tema que é abordado em Projeto 1. Cursando-a neste semestre, eu pude entender realmente como os projetos funcionam e o porquê de eles serem da forma que são. Também compreendi melhor a forma de avaliação da UnB na questão da quantidade de créditos que preciso para me formar e a melhor forma de obtê-los. Além dessas questões burocráticas, a professora também se importou realmente com os alunos e quis ajudá-los nessa nova jornada de suas vidas. Desde o primeiro dia de aula ela se mostrou

interessada nas experiências dos alunos e em seus sonhos e desejos. Ela também já orientou um por um sobre quais professores devem procurar quando cursarem os Projetos 3, 4 e 5 de acordo com os interesses e preferências de cada aluno.

Neste semestre também cursei as disciplinas Projeto 3 – Projetos Individualizados 2 (PESPE) e Projeto 4 - Projetos Individualizados De Prática Docente 1(SEPD). A decisão de cursar estes dois projetos ao mesmo tempo surgiu com a oportunidade de isso acontecer, e eu queria fazer o máximo de disciplinas obrigatórias possíveis neste semestre. Este semestre foi um desafio para mim, mas a professora orientadora destes projetos me ajudou bastante. Depois desse semestre, eu percebi a importância da orientação na formação acadêmica e isso despertou uma curiosidade e carinho muito grande pela área. Desde então, o sentimento de pertencimento que tenho em relação à Pedagogia cresceu muito e sinto que encontrei o lugar onde posso tentar, e espero conseguir, ajudar a sociedade de alguma forma. Ao final daquele semestre eu entreguei um relatório, como forma de avaliação da disciplina Projeto 4-1, intitulado “A Orientação na Economia Solidária”, contando minha experiência observando este aspecto da orientação em um ambiente de autogestão.

Foi neste quarto semestre que também cursei a disciplina Orientação Educacional/OE. O quarto semestre do curso foi decisivo para minha formação, pois na disciplina de OE me abriu os olhos para a área da Orientação. Me chamou muita atenção e senti que recebi um chamado para a orientação. Essas duas matérias, e algumas experiências pessoais que vivi na época, me abriram os olhos para o caminho que queria seguir acadêmica e profissionalmente. Foi então que decidi estudar a orientação mais a fundo e atuar como orientadora futuramente. A partir de então, procurei disciplinas e projetos voltados à orientação, a fim de me formar uma profissional da orientação mais qualificada. Isto foi muito importante, porque foi naquele momento que eu finalmente consegui me encontrar no curso e pude começar a planejar meu futuro acadêmico e profissional.

No semestre seguinte, período 2015/1 da UnB, eu não sentia mais tanta pressão de cursar o máximo de matérias possíveis, pois já havia encontrado meu caminho, e me concentrei em cursar bem as próximas disciplinas de orientação que estivessem por vir. Mas não cursei nenhuma disciplina de orientação, pois decidi pesquisar um

pouco mais antes de dar continuidade aos projetos.

No sexto semestre do curso, voltei à minha jornada de orientação, com a disciplina Orientação Vocacional Profissional/OVP. Esta disciplina me fez enxergar a falta que a OVP me fez quando fui escolher meu primeiro curso superior. Vi a importância da orientação e como é indignante ver como ela é desprezada e deixada de lado. Uma das atividades da disciplina foi aplicar um jogo pedagógico de OVP. Escolhi um jogo chamado “Faz o quê?”, que trabalha a imaginação dos jogadores. É um jogo que funciona melhor em grupos maiores de 12 a 15 participantes de idades variadas. O jogo consiste numa dinâmica de dinamizador e participantes, onde o dinamizador apresenta vários cartões com nomes de profissões variadas (é possível adaptar de acordo com o conteúdo estudado – como por exemplo em inglês quando se estiver estudando as profissões – ou de acordo com os objetivos gerais do momento) e cada pessoa tira um aleatoriamente. Em seguida cada participante diz qual é a sua profissão, explica ao restante do grupo o que faz e quem são seus clientes. Durante a explicação, os outros participantes podem fazer perguntas a fim de esclarecer aspectos que não tiverem entendido. O jogo acaba quando todas as pessoas tiverem apresentado suas profissões. Este jogo tem como objetivo fazer com que os alunos usem sua imaginação sobre os diferentes empregos que existem e, ao mesmo tempo, exercitem sua capacidade de nomear tarefas associadas a determinadas profissões. Também se espera que o aluno pense e reflita sobre as diferentes responsabilidades e habilidades que cada emprego apresenta e necessita. É um jogo que também trabalha a questão do falar em público, habilidade que é sempre importante explorar. Escolhi este jogo pois gostei muito dele por trabalhar a realidade, ou pelo menos tentar chegar à realidade, dos vários empregos que existem. Este jogo pode abrir os olhos de alunos que não sabiam da existência das profissões e que se enxergam com perfis para estes empregos. Quando realizei o jogo e vi o debate das diferentes maneiras de pensar das diferentes faixas etárias, pude ver como essa diferença de pensamento realmente existe. E consegui entender um pouco mais sobre o funcionamento do pensamento de pessoas de idades muito diferentes da minha e senti que pude amadurecer um pouco em relação a esse entendimento. A proposta diferente que eu usei com este jogo foi a de levar as reais informações sobre as profissões, para poder fazer esta comparação ao final do jogo. Pude ver que cada pessoa encarou de maneira

diferente a descrição, algumas mais sérias que as outras, e também o quanto os jogadores sabiam sobre a realidade dos empregos disponíveis no mercado de trabalho brasileiro.

Esta experiência me fez ver a importância da OVP em todas as faixas etárias e me levou à reflexão de quão longe a área da orientação pode chegar. E me fez sentir mais segura em relação ao caminho que havia escolhido. Também foi neste semestre que consegui cursar a disciplina Projeto 2 – Projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão (GEPE), que vem com a proposta de ser um estudo mais amplo e profundo do currículo do curso de Pedagogia na UnB, ao “propiciar reflexões acerca do campo do educativo e do pedagógico, conhecer as diferentes atuações do pedagogo no mundo do trabalho, identificar a formação dos profissionais da educação, relacionar as transformações sociais e políticas com a proposta das inovações curriculares no âmbito da educação e inserir-se na proposta do novo projeto acadêmico da Faculdade de Educação”, conforme consta no programa do curso no *site* de matrícula da UnB. No Projeto 2, pude pesquisar a fundo a área da orientação e a profissão orientador, e me identifiquei mais ainda com estes profissionais.

No semestre seguinte, meu sétimo semestre na universidade, voltei à minha jornada de projetos, cursando Projeto 4 – Projetos Individualizados de Prática Docente 2 (SEPD). Continuei minha jornada de investigação sobre a Orientação na Economia Solidária, mas dessa vez foi algo mais focado na produção de trabalhos e de pesquisa e definindo a área de pesquisa, já com a formação do TCC em mente. Neste mesmo semestre, também cursei a disciplina Seminário sobre Trabalho Final de Curso, que tem por objetivo auxiliar e orientar o aluno na escolha e prática do seu TCC. Comecei a pesquisar alguns trabalhos sobre orientação, procurando inspirações para o tema específico do trabalho, pois a área já sabia. Durante o semestre pesquisei, dentro da orientação, temas que me interessavam. Ao final do semestre, não havia decidido o tema, mas havia decidido que iria me focar mais nisso durante o período de férias e voltar no semestre seguinte e concluir esta etapa da graduação.

No semestre seguinte, meu oitavo semestre no curso, eu estava pronta para me comprometer com o TCC com minha orientadora dos projetos passados, porém

aconteceu um imprevisto. Por razões de ordem administrativa, ela foi afastada dos projetos, e eu fiquei sem orientadora. Fiquei sem orientação e me senti muito desmotivada de continuar o curso. Foi uma decepção já ter tudo pronto, e ter isto tirado de mim. Então decidi deixar a graduação um pouco para frente, no semestre seguinte. Não fiz muitas pesquisas sobre a orientação. Finalmente consegui cursar a disciplina de Antropologia e Educação, a última matéria do primeiro semestre que faltava cursar.

E, por fim, neste primeiro semestre do ano 2017, meu nono semestre na Universidade de Brasília, pretendo concluir meus estudos de graduação Pedagogia.

PARTE II – MONOGRAFIA

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo a investigação dos impactos da orientação acadêmica na vida dos estudantes da Universidade de Brasília. Através dos resultados desta investigação, pretende-se ressaltar o grau de relevância que essa tem na vida dos alunos, a fim de aumentar a visibilidade e pesquisas na área da orientação acadêmica. Esta questão se deu devido a vivências durante a graduação no curso de Pedagogia, onde o primeiro contato com a orientação acadêmica ocorreu apenas no quinto semestre do curso.

Ao conhecer a proposta da disciplina de orientação acadêmica, que é ofertada como disciplina obrigatória para o primeiro semestre no currículo da Faculdade de Educação através da disciplina Projeto 01 – Orientação Acadêmica Integral (OAI), imediatamente foi possível compreender a importância desta na vida dos novos alunos do curso. A disciplina tem como ementa: “A transição ensino médio e universitário. A universidade pública. O caráter do público e do privado. Conhecimento das dependências físicas, da organização administrativa e dos projetos pedagógicos e acadêmicos da Faculdade de Educação. Introdução às concepções de educação e suas implicações na história do curso de Pedagogia.” (trecho retirado do *site* de matrícula da UnB).

Nesta matéria, o professor começa a instigar seus alunos a pensar em suas trajetórias acadêmicas de graduação, orientando-os aos professores e às disciplinas e projetos de suas áreas de preferência para a elaboração de seu Trabalho Final de Curso.

Através do contato com esta orientação apenas no quinto semestre do curso, percebeu-se como o percurso da graduação poderia ter sido mais simples e mais significativo, se a disciplina tivesse sido cursada no primeiro semestre do curso. Questiona-se, então, o porquê de não existir esta disciplina em todos os cursos da Universidade de Brasília. Em inúmeras conversas com alunos de diversos cursos da Universidade de Brasília, ouviram-se relatos de diversas dificuldades que os alunos passaram, que poderiam ter sido evitadas se tivessem tido contato com a orientação acadêmica. A demanda e a necessidade para a orientação acadêmica existem. A questão, no caso do problema desta pesquisa, é verificar de que modo ocorre a orientação acadêmica na Universidade de Brasília.

Durante a investigação inicial sobre o tema, foi descoberto que este não é muito pesquisado, resultando em poucas referências bibliográficas, sendo algumas delas outros trabalhos de conclusão de curso sobre o tema. Isto mostrou a importância desta pesquisa não apenas para a conclusão do curso de licenciatura em Pedagogia, mas para a própria área da educação uma vez que a orientação acadêmica não tem sido explorada da maneira que deveria.

Acredita-se que esta pesquisa contribuirá para o melhor entendimento da importância da orientação acadêmica na vida dos estudantes, também para a reflexão acerca da maneira como o ensino auto gestor, independente e libertador que a universidade pública propõe, muitas vezes, é opressor com seus alunos quando exige deles esta liberdade, ignorando o fato que o aluno vem de um ambiente escolar que não é livre. Os alunos chegam à universidade e se deparam com um ambiente livre, onde eles farão sua própria formação, mas esta orientação sobre como funciona o sistema de seu curso e da Universidade de Brasília não é oferecida à eles.

Com isto, o objetivo central do trabalho é responder à seguinte questão: De que maneira a orientação acadêmica pode impactar a jornada acadêmica de formação dos alunos da Universidade de Brasília? Para responder esta pergunta, foram propostos, como objetivos específicos: verificar as concepções dos alunos de quatro cursos, que abrangem as três grandes áreas de estudo da universidade (ciências da saúde, exatas e humanas), sobre orientação acadêmica; verificar a maneira como ocorre o contato com a orientação acadêmica; saber, junto ao alunos entrevistados, o que eles conhecem sobre o Serviço de Orientação ao Universitário; saber, junto à pedagoga do SOU, como está ocorrendo a orientação acadêmica lá; e verificar se os alunos entrevistados possuem conhecimentos básicos sobre seus cursos, suas responsabilidades e seus direitos na UnB.

Para atingir estes objetivos, primeiramente, foi necessário ler textos e publicações e analisar documentos acerca do tema, a fim de chegar à uma definição de orientação acadêmica, para os propósitos da pesquisa. Ao chegar à esta definição, que está presente no capítulo 1 do trabalho, foi possível delinear a pesquisa e de que maneira seria feita. Devido à falta de muitas referências e estudos sobre o tema do trabalho, a metodologia escolhida para este trabalho foi o estudo exploratório

Capítulo I

1. A função social da Orientação

Segundo Guichard (2002), a profissão de orientador surgiu, nos países industrializados, no início do século XX, quando se limitava apenas à facilitação da transição do ambiente escolar para o ambiente de trabalho, através de investigações de natureza psicológica. Hoje em dia é possível entender que a orientação é, na verdade, uma relação educacional entre dois sujeitos, a fim de chegar a um objetivo comum. Atualmente, a orientação “já não se limita à questão da transição da escola para o emprego. Fala-se de orientação ao longo da vida e, assim, a orientação encontrou lugar no seio da própria escola” (Guichard, 2002, p.5). Com esta visão de orientação mais pessoal, onde um ser humano é um ser subjetivo, foi possível atualizar as práticas de orientação, centralizando-as sobre o indivíduo como parte da sociedade. Para Édouard Toulouse (1903) e Alfred Binet (1908), os primeiros psicólogos franceses a lançarem as bases da orientação profissional, as práticas da orientação se dão para a realização de uma organização social equitativa. A orientação passa a ser uma prática onde o orientando é o centro, e constrói-se a si mesmo. Com esta descoberta de que o indivíduo é um ser social, não apenas um trabalhador, ele passa a procurar uma “realização própria que vai buscar muita da sua vitalidade aos momentos extraprofissionais do ciclo de vida” (Clot, 1999, p. 71), onde o sujeito deixa de ser definido por seu trabalho, deixando de personificar seu ofício, passando, este, a ser apenas um título e não sua identidade.

Guichard (2002) explica ainda que, devido à essa característica social da orientação, é necessário que ela exista em todas as áreas de ensino e, também, durante a vida. O ser humano passa por situações de transição em sua vida, que não envolvem apenas o ambiente profissional. Transição, essa, que pode ser entendida como situações de grande mudança na vida do ser humano. A orientação entra como uma ferramenta que visa ajudar estes a enfrentar, da melhor maneira, os diversos acontecimentos que afetam as suas vidas. Com isto, o processo da orientação também evolui, tornando-se um processo social subjetivo, onde analisa-se, com estes sujeitos, a atual “situação na qual se encontram, os apoios que podem beneficiar, os recursos pessoais de que dispõem (por exemplo, características psicológicas), bem como as estratégias que podem ser aplicadas” (Schollossberg et al., 1995, p. 49). Os orientadores “deixam de estar na posição de decisores para

passarem a ter uma função de acompanhamento do aluno” (Guichard, 2002, p. 10), desenvolvendo melhor esta visão de orientação como um processo pessoal, onde o indivíduo está no controle. Apesar de ser uma área com o nível de subjetividade elevado, a orientação possui um método científico que, de acordo com Parsons (1909), consiste em fazer corresponder, por meio de um raciocínio adequado, as características dos indivíduos com as dos empregos, no caso da orientação profissional.

Com a visão de orientação mudando de um processo de desenvolvimento, para a de um processo de transição, onde as trajetórias da vida adulta são encaradas como estando muito mais dependentes dos contextos e dos acontecimentos do que se pensava anteriormente, torna-se possível auxiliar os sujeitos durante suas estas trajetórias de vida. Posteriormente, foi possível entender que a orientação precisa decorrer de um relacionamento entre orientador e orientando, onde a ideia central passa a ser a de “um diálogo não diretivo, conduzido por um orientador que adote uma atitude de empatia e de compreensão” (Guichard, 2002, p. 12) em relação ao aluno orientado, onde este diálogo começa com o estabelecimento de uma aliança de trabalho entre os sujeitos. Guichard (2002), aponta ainda que é importante sempre levar em consideração que esta é uma relação entre dois seres humanos dotados de sentimentos ambíguos. Não é possível pensar em um orientador perfeito que nunca irá errar, mas é, também por causa da orientação, que estes irão trabalhar a autoavaliação e a autonomia, pois a orientação leva à estes caminhos. Apesar de não existir um modelo supremo de orientação, é possível afirmar, segundo Guichard (2002), que o orientador bem-sucedido está constantemente auto avaliando seu trabalho, assim como dá continuidade em sua formação ao longo de sua carreira, a fim de se aperfeiçoar, cada dia mais, para exercer esse trabalho.

Um exemplo modelo de trabalho do orientador, descrito por Guichard (2002), começa com o relacionamento com o orientando, onde é necessário existir um “vínculo que abranja a preocupação com o outro (*caring*) e a confiança, pois verifica-se que, sem esse vínculo, os esforços (as tarefas) destinados a atingir os objetivos ficam comprometidos” (Gysbers et al., 1998, p.125). Seguido de um período onde o orientador deve recolher informações relativas ao aluno, através de métodos variados da preferência de cada orientador (testes, redações, conversas, etc), a fim

de entender o porquê do orientando estar onde está em seu percurso de vida. O terceiro passo seria compreender esta informação que foi colhida, formulando hipóteses sobre os seus objetivos e pontos em que pode melhorar, com base em teorias da personalidade e modelos teóricos já existentes, assim como em suas experiências como orientador e orientando. A última fase dessa orientação procura ajudar o aluno a “construir objetivos de carreira, a definir planos de ações e a estabelecer uma relação de orientação” (Guichard, 2002, p. 16). E, por fim, terminando com um balanço de todo o processo e com uma conclusão de como foi essa relação.

Portanto, “a orientação consiste em tornar o indivíduo capaz de tomar consciência das suas características pessoais e de desenvolver com vista à escolha dos seus estudos e das suas atividades profissionais em todas as conjunturas da sua existência, com a preocupação de servir a sociedade e de desenvolver a sua responsabilidade” (Danvers, 1992). O centro de sua metodologia consiste em auxiliar o desenvolvimento do indivíduo e sua capacidade de fazer face às transições pelas quais irá passar. A questão em que se baseiam as práticas de orientação é a seguinte: “Como permitir que cada pessoa se realize plenamente? ” (Guichard, 2002, p. 18), onde a própria pessoa, através da relação com o orientador, encontrará a resposta para esta pergunta. A orientação é uma ferramenta para auxiliar e ajudar o aluno a se tornar um indivíduo empoderado, onde ele será, de fato, o autor de suas ideias e planos, assim, promovendo os princípios da autogestão e da autonomia.

2. A Orientação Acadêmica na Universidade de Brasília

A Orientação Acadêmica na Universidade de Brasília/UnB está prevista em seu Estatuto e Regimento Geral, de 2011, onde, em seu artigo 4º, afirma que a “Universidade de Brasília organiza e desenvolve suas atividades em conformidade com os seguintes princípios: ” (p. 9) e um dos princípios citados é a “orientação humanística da formação artística, literária, científica e técnica”. Assim como no artigo 45º que, em parágrafo único, lembra que “aos alunos regulares é assegurada a orientação acadêmica sistemática, na forma definida no Regimento Geral e nas resoluções do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) ” (p. 23-24). Também é prevista quando, em seu artigo 3º, o Estatuto define que “são finalidades

essenciais da Universidade de Brasília o ensino, pesquisa e extensão, integrados na formação de cidadãos qualificados para o exercício profissional e empenhados na busca de soluções democráticas para os problemas nacionais” e, uma vez que a orientação “passa a ser considerada como mais uma via de intercâmbio entre os professores, os estudantes, o Decanato de Ensino de Graduação e toda a administração acadêmica da UnB. Por meio dessa atividade, tanto os diferentes pólos da UnB - Planaltina, Ceilândia e Gama - como também os cursos de graduação a distância aproximam-se numa linguagem compartilhada, com potencial para gerar maior interatividade entre professores e estudantes. Consequentemente, gerando novas possibilidades administrativas e acadêmicas, aumentando as chances de sucesso do projeto de expansão da Universidade de Brasília no que tange ao ensino de graduação e ao melhor preparo dos profissionais e cidadãos que forma.” (Resolução N. 41/2004 do CEPE, p. 13-14).

O Estatuto também dá ao CEPE a responsabilidade de regulamentar a orientação acadêmica na UnB. Em sua resolução N. 41/2004, que regulamenta estas atividades, é especificado que o serviço está disponível para os alunos que tenham cursado menos de 50% do total de créditos requeridos por seu curso, assim como para os alunos que se encontram em situação de risco de desligamento. Este documento também prevê as modalidades em que a OA pode ocorrer, sendo elas: a orientação individualizada, onde um professor orientador tem relação direta com um estudante; a orientação tutorial, onde a relação direta continua, mas desta vez, entre um professor orientador e um grupo específico de alunos; e a orientação dirigida, que atende casos específicos de alunos que procuram ou são encaminhados para a Diretoria de Acompanhamento e Integração Acadêmica DAIA/DEG, ou que são convocados com base em indícios de risco de desligamento; assim como outras formas de orientação que possam surgir de acordo com as necessidades dos alunos. O documento também define algumas atribuições ao professor orientador, tais como, instruir seus orientandos sobre a “estrutura e funcionamento acadêmicos da Universidade de Brasília” (p. 2), assim como “identificar dificuldades e impedimentos quanto ao cumprimento das atividades acadêmicas de seus orientados, procedendo aos encaminhamentos necessários à superação dos mesmos” (p. 3).

De acordo com os textos citados acima, a Orientação Acadêmica é uma relação horizontal entre orientador e orientando caracterizada por ser uma “relação educativa entre pessoas que estão em níveis diferenciados de formação e maturidade profissional, mas comprometidas com um objetivo comum, qual seja, a construção solidária da produção acadêmica” (QUIXADÁ VIANA e VEIGA, 2007, p. 4). Onde o aluno, assim como o professor orientador, faz parte de sua orientação, e é empoderado a ser sujeito participante de sua formação no ensino superior. O Estatuto Geral afirma, também, que o objetivo da orientação acadêmica nos cursos regulares de graduação é fornecer ao aluno as “informações e recomendações necessárias ao bom desenvolvimento de seus estudos durante sua permanência no curso” (art 93º, p. 63-64).

Sobre esta relação, Quixadá Viana e Veiga (2007) ainda citam características observadas por orientadores ao longo dos anos, dividindo-as em três campos: afetivo, profissional e teórico-metodológico. O aspecto afetivo se manifesta, na relação entre as duas partes, através da preocupação em conhecer o aluno e suas expectativas, assim como se deixar ser conhecido por ele e fazê-lo conhecer o programa da universidade para seu curso. Esse conhecimento ocorre a partir do estabelecimento de uma relação dialógica, onde um escuta o outro. O profissional já aborda a questão de identificar a capacidade de autonomia do aluno, considerando importante definir o tipo de relação entre os sujeitos desde o primeiro encontro. Acredita também que é importante deixar claro os objetivos da orientação desde o primeiro encontro, ao invés de procurar construir estes objetivos com o aluno. O aspecto teórico-metodológico foca no estabelecimento de um contrato pedagógico, que consiste em um pacto de confiança, entre orientador e orientando, construído com base nas expectativas e objetivos do aluno em conjunto com o professor-orientador, já focando na questão objetiva da orientação acadêmica.

Sobre a maneira como os encontros de orientação devem ocorrer, as autoras acreditam que o encontro presencial é de extrema importância e não pode ser substituído, mas apontam que existem outras maneiras que a orientação pode ser realizada. Com a evolução da tecnologia, orientações via e-mail são comuns, importantes e práticas, facilitando o processo e acesso ao orientador, que é apenas um e não consegue estar em todos os ambientes em todos os tempos. A resolução do CEPE aponta que esta relação não possui um modelo a ser seguido, uma vez

que “o professor orientador possui a liberdade para sistematizar a orientação junto ao seu estudante, apoiando-o de modo a que este se mantenha estimulado a participar, cada vez mais e com maior autonomia, de sua vida escolar.” (p. 13).

Quixadá Viana e Veiga (2007) também apontam quatro aspectos importantes para que a orientação ocorra com êxito: A) atitudinal; B) cognitivo; C) administrativo; e, D) temporal.

A) Atitudinal porque é importante que o orientador tenha atitudes ao ser responsável e estimular a autonomia do aluno, não ser autoritário, valorizar a interlocução com o orientando, considerando as circunstâncias de suas experiências pessoais, com atitudes que empoderem o aluno a ser sujeito de sua própria educação, assim como detectar e prever a dosagem em que a orientação será necessária para cada orientando. Por sua vez, cabe ao orientando ter compromisso e responsabilidade com seus objetivos, se desenvolvendo e construindo uma educação que tenha um propósito e significado. É necessário que exista sintonia entre os sujeitos da orientação onde o aluno não se sinta inferior ao orientador, a fim de não causar retração em seu comportamento. A relação é construída pelos dois.

B) Cognitivo, pois é fundamental que o orientador não se esqueça que se trata de uma orientação acadêmica, onde o aspecto cognitivo não pode ser deixado de lado. A orientação na autoria de textos acadêmicos é essencial, uma vez que o aluno não produzia uma quantidade muito grande de trabalhos acadêmicos na escola, no máximo redações, mas é cobrado, desde o primeiro semestre na universidade, uma gama de diferentes trabalhos com os quais, muitas vezes, o aluno nunca teve contato. Por sua vez, o orientando deve apresentar um domínio mínimo da escrita e disposição para trabalhar. Sobre este desafio em relação à produção escrita de trabalhos Machado (2006), ressalta que “a diferença é notável e notada, com grande susto, pelos alunos que ingressam num mestrado ou doutorado; sobretudo quando acabam os créditos e as aulas, que ainda mantinham um elo com as formas orais, tradicionais de aprendizagem, dando lugar ao desafio de escrever a dissertação ou a tese.” (Machado, 2006, p 49).

C) O aspecto administrativo se dá através de contribuições do orientador para a realização de um plano de estudos ou cronograma de curso. E, por fim,

D) o temporal, que se dá pela disponibilidade dos sujeitos para a realização dos encontros presenciais individuais e coletivos tal como para a realização de

atividades pertinentes à orientação, assim como se programar para a realização da graduação, a fim de não atrasar, desnecessariamente, sua conclusão.

A orientação é uma relação educacional com muito poder para afetar a vida tanto dos alunos quanto dos professores orientadores, uma vez que se verifica que o trabalho, quando é coletivo, fica mais fácil de realizar e mais rico de conteúdo e vivências. É necessário que esta postura de solidão que, muitas vezes acompanha a autonomia, seja superada. O compartilhamento solidário entre todos os sujeitos da universidade é fundamental para a construção de uma formação que não seja apenas acadêmica, mas com cunho e significado social.

Um aspecto muito interessante da orientação, para o próprio orientador, é a autorreflexão, uma vez que este processo é extremamente subjetivo e humano, onde os sujeitos tentam chegar a um objetivo comum que, muitas vezes, pode ser fora da realidade do cotidiano do orientador. Este profissional, por sua vez, pesquisará e tentará entender a realidade do aluno, com o objetivo de encontrar a melhor estratégia para a orientação. Este é um dos, senão o maior, ganho para o orientador, nesta “possibilidade de transformar e ser transformado pelo orientando e pelas pessoas com quem convivem e de transformar as relações sociais.” (Quixadá Viana e Veiga, 2007, pg 15).

3. A Orientação Acadêmica no curso de Pedagogia da Universidade de Brasília

O currículo do curso de Pedagogia da UnB possui uma disciplina, do primeiro semestre, chamada Projeto 01 - Orientação Acadêmica Integral (OAI), que tem por objetivo informar aos estudantes sobre a natureza dos estudos na Pedagogia, assim como as possibilidades de carreira após a graduação; informar, ainda, sobre a estrutura e funcionamento do ensino na universidade e na Faculdade de Educação; orientar o graduando já à partir do primeiro semestre, na escolha dos Projetos.

É dever desta orientação acadêmica “se preocupar igualmente em criar ambientes enriquecedores, integradores e mobilizadores, de intercâmbio, de troca de experiências e de interatividade nos contextos de aprendizagem” (PROJETO ACADÊMICO DO CURSO DE PEDAGOGIA, FE – UnB, 2002), permitindo, por sua vez, que o aluno não se sinta sozinho no ambiente universitário. Possibilitando-o adquirir a confiança necessária para o exercício desta autonomia acadêmica.

Esta orientação, por ser em grupo, é uma orientação mais direcionada ao entendimento do curso e da universidade em que os alunos ingressaram. É, também, uma forma de fazer o aluno se auto-avaliar e não se sentir tão perdido nos semestres que irão seguir. Esta orientação está proposta no Projeto Acadêmico do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, de Dezembro de 2002.

4. As competências do pedagogo para orientar

O Pedagogo é apto a fazer este trabalho de orientação, uma vez que a RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, DE 15 DE MAIO DE 2006, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura, afirma, em seu artigo 5º, que o egresso do curso deverá estar apto a:

[...] IV - trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo;

V - reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais, afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas;

IX - identificar problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, com vistas a contribuir para superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras;

X - desenvolver trabalho em equipe, estabelecendo diálogo entre a área educacional e as demais áreas do conhecimento. (RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, DE 15 DE MAIO DE 2006, p. 2)

Por causa de sua formação, o pedagogo possui a habilidade de trabalhar em qualquer ambiente que possua relações educacionais de qualquer tipo. A orientação acadêmica, apesar de não se ater apenas à uma relação de professor-aluno, é em ambiente universitário, tornando-a uma prática educacional. Assim como uma prática educacional, a orientação também entra com a possibilidade emancipar o aluno, uma vez que ela auxilia o aluno a se perceber como sujeito da própria educação. E a pedagogia visa isso, formar educadores com essa perspectiva emancipatória dos alunos.

5. O Serviço de Orientação ao Universitário/SOU

Na Universidade de Brasília possui um serviço de orientação acadêmica que funciona em todos os campus. No campus Darcy Ribeiro, é localizado no Instituto Central de Ciências (ICC), na parte sul do prédio. Este serviço visa contribuir para a construção coletiva do desenvolvimento integral do estudante, à partir da análise e orientação dos processos e relações educacionais da instituição de ensino e de sua comunidade, focando, principalmente no atendimento aos estudantes.

Implementado em 1987, pela reitoria, o Serviço de Orientação ao Universitário (SOU) é:

[...] composto por uma equipe de psicólogos e pedagogos, desenvolve ações junto a estudantes, professores e funcionários, visando à construção conjunta de estratégias para uma constante melhoria do processo de orientação acadêmica. Dentro dessa perspectiva, o SOU auxilia o coordenador de curso na elaboração de estratégias e ações de orientação ao estudante de graduação, na preparação e instrumentação do professor orientador e na busca de soluções institucionais e pessoais para situações adversas vividas pelos estudantes, que advenham de sua formação universitária e/ou que interfiram na mesma. A DAIA conta, ainda, com a Comissão de Acompanhamento e Orientação (CAO). Trata-se da estrutura curricular dividida semestralmente responsável pela avaliação de processos de estudantes em risco de desligamento e que solicitam reintegração à UnB e mudança de Plano de Estudos. (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1989, p.6)

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1. Delineamento da pesquisa

O problema desta pesquisa é verificar de que modo ocorre a orientação acadêmica na Universidade de Brasília. Para alcançar este propósito, o objetivo geral deste trabalho é conhecer os impactos da orientação acadêmica na vida dos estudantes da UnB. Os objetivos específicos são:

- a) Verificar as noções e concepções sobre orientação acadêmica de alunos de diferentes cursos nas diferentes áreas do estudo da UnB;
- b) Verificar de que forma ocorre o contato com a orientação acadêmica;
- c) Saber, junto aos alunos de diferentes cursos, o que eles conhecem sobre o Serviço de Orientação ao Universitário;
- d) Saber, junto à pedagoga do SOU, como está ocorrendo a orientação acadêmica lá;
- e) Verificar se os alunos de diferentes cursos possuem conhecimentos básicos sobre seus cursos, algumas responsabilidades e seus direitos na UnB.

Para a realização desta pesquisa, foi utilizada a metodologia do estudo exploratório. Segundo Gil (2008), a pesquisa exploratória tem como finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com o intuito de formular problemas mais precisos e hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Se dão através, primeiramente, do levantamento bibliográfico e documental seguido de entrevistas não padronizadas. No caso desta pesquisa, o levantamento bibliográfico e documental está disponível no Capítulo 1, e os resultados das entrevistas estão na parte de Análise dos dados, assim como no anexo é possível ver o roteiro das entrevistas realizadas. Este tipo de estudo é realizado, como é o caso deste trabalho, devido à falta de exploração do tema, tornando difícil formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. O produto final deste processo de pesquisa, passa a ser um problema mais esclarecido, com a possibilidade de maior investigação mediante procedimentos mais sistematizados.

Devido à natureza exploratória do trabalho, foi usada, também, a metodologia de Análise Documental. Onde foram destacadas e analisadas as principais informações acerca da orientação acadêmica e da formação do pedagogo. Os documentos analisados foram: Ementa/Programa da disciplina Projeto 01 –

Orientação Acadêmica Integral (OAI); Projeto acadêmico de pedagogia UnB, (2002); Regimento Geral da UnB; Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão n. 008/89; Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão n. 41/2004; e Resolução n.1, de 15 de maio de 2006 do Conselho Nacional de Educação (CNE).

Esta metodologia possibilitou o conhecimento do que a Universidade de Brasília espera de seus serviços de orientação acadêmica, a maneira como a orientação acadêmica está proposta no currículo do curso de Pedagogia e o que é esperado do Pedagogo formado no Brasil. Estes conhecimentos também são usados na análise dos dados, possibilitando a comparação entre o que é esperado e o que foi encontrado durante a pesquisa.

2.2. Universo da Pesquisa: local e participantes.

A pesquisa foi realizada na Universidade de Brasília, no campus Darcy Ribeiro. Devido ao tempo e recursos limitados e, por se tratar de um trabalho de conclusão de curso com a metodologia de estudo exploratório, foram escolhidos quatro cursos dentre as três áreas de conhecimento da universidade (ciências da saúde, exatas e humanas), afim de conseguir uma amostra mais abrangente sobre a maneira como a orientação acadêmica está acontecendo no universo da UnB, sendo os cursos: Engenharia da Computação, Comunicação Social, Enfermagem e Pedagogia, que foi escolhido por ser o curso prestes a ser concluído através deste trabalho e por ser um curso que possui a orientação acadêmica em seu projeto acadêmico. As entrevistas foram realizadas com dois alunos de cada um destes quatro cursos, sendo um aluno do 1º semestre de cada curso e um aluno do último ano de cada curso (dois últimos semestres), pois estes dois alunos são alunos que, teoricamente, precisam de mais orientação, por estarem em situações de transição. Os entrevistados são estudantes da UnB dos gêneros feminino e masculino, com idades variadas entre 17 e 23 anos. Assim como também foi entrevistada uma pedagoga que atende alunos no Serviço de Orientação ao Universitário (SOU).

2.3. Procedimentos da Pesquisa

Para realizar a pesquisa foi necessário, primeiramente, conferir o que os documentos: Ementa/Programa da disciplina Projeto 01 – Orientação Acadêmica Integral (OAI); Projeto acadêmico de pedagogia UnB, (2002); Regimento Geral da

UnB; Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão n. 008/89; Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão n. 41/2004, que discorrem sobre a orientação acadêmica, dizem sobre a maneira como a mesma deve ocorrer na UnB. Diante disso, foi possível elaborar o roteiro de entrevistas (anexo), de acordo com os objetivos da pesquisa. Foram feitos dois roteiros de entrevista, o Roteiro 1, que corresponde às entrevistas realizadas com os alunos da UnB, e o Roteiro 2, correspondente à entrevista com a pedagoga do SOU (ambos roteiros podem ser encontrados nos anexos deste trabalho). Quanto às entrevistas, foram feitas em diferentes espaços do campus Darcy Ribeiro da UnB, marcadas diretamente com os alunos e a pedagoga entrevistados, de acordo com suas disponibilidades. A entrevista com a pedagoga foi marcada e realizada no ambiente do SOU.

2.4. Apresentação dos resultados das entrevistas

Para melhor exposição e compreensão dos dados, as respostas foram separadas em dois tópicos, sendo eles: a apresentação e análise dos resultados das entrevistas com os estudantes, e a apresentação dos resultados da entrevista com a pedagoga.

2.4.1. Apresentação dos resultados das entrevistas com os estudantes

Com este estudo, verificou-se de que maneira a orientação acadêmica está acontecendo na Universidade de Brasília. O primeiro fato que se destacou foi que, apesar da existência e dos serviços do SOU, nenhum dos alunos entrevistados conhecia o serviço. Através da conversa com a pedagoga que trabalha lá, foi possível verificar que, não existe divulgação da orientação do SOU, o que ocorre são recomendações de alunos que já foram orientados, para amigos e colegas. A orientação acadêmica está acontecendo na UnB, mas nem todos os alunos têm acesso à essa informação, devido à falta de divulgação.

Quando perguntados, o que é a orientação acadêmica, foi possível chegar à conclusão de que os alunos têm noção do que é a orientação. As duas concepções, identificadas por Quixadá Viana e Veiga (2007), que “norteiam o trabalho do orientador: a orientação como ajuda, apoio, guia amigável e a orientação como trabalho conjunto, parceria, compartilhamento, provocação, autonomia, co-autoria, co-participação, convivência com o orientando” (QUIXADÁ VIANA e VEIGA, 2007, p.

7) foram encontradas nas falas dos alunos. Palavras como “ajuda” e “auxílio” foram utilizadas, pelos alunos, para descrever a atividade, na perspectiva de ajudar ou auxiliar o aluno nas suas escolhas acadêmicas durante a graduação. Também foi citado, pelos alunos, que a orientação é um processo de inserção do aluno na universidade e de acompanhamento durante a graduação. A pedagoga do SOU também citou a importância da orientação como uma ferramenta de acolhimento do estudante, dizendo que é muito importante para que o aluno se sinta seguro na possibilidade de ter êxito na vida acadêmica. Destaca-se uma situação, descrita por um aluno sobre sua relação com sua orientadora, em que ela o ajuda com questões de orientação, mas também procura a ajuda do aluno para alguns projetos. Isto é, de fato, a orientação. Uma via de mão dupla, onde orientador e orientando trocam conhecimentos e se auxiliam como podem.

Dos oito alunos entrevistados, apenas metade (quatro) já havia tido contato com a orientação acadêmica sendo, destes, apenas uma aluna do primeiro semestre, sendo ela do curso de Pedagogia. Portanto, é possível verificar que a orientação acadêmica prevista no Projeto Acadêmico do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília (2002), que acontece através do Projeto 01 - Orientação Acadêmica Integral, está acontecendo de fato. Mas, foi apontado por esta aluna, também, que a orientação que está ocorrendo nesta disciplina é um pouco superficial, focando apenas nas dependências físicas da universidade. Isto também foi apontado pela aluna do 8º semestre de Pedagogia, que afirmou que teve esta orientação, mas que ela foi muito focada na apresentação da universidade, mas não foi abordada a maneira de permanecer na universidade.

A entrevistada do 8º semestre de Pedagogia citou que ninguém falou sobre assuntos importantes como bolsa permanência, por exemplo. Isto também pode ser percebido na fala da pedagoga do SOU, quando ela fala que é muito importante que o serviço esteja ganhando mais visibilidade, pois estas informações e dúvidas podem ser tiradas lá. Todos os alunos que tiveram este contato afirmaram que a orientação acadêmica facilitou, em algum nível, suas vidas acadêmicas, citando que, graças a ela, conseguiram aproveitar ao máximo o que a universidade tem a oferecer. Um aluno, do 10º semestre do curso de Comunicação Social, citou que sua orientadora tem ajudado bastante no processo de transformar uma atividade que já

ocorre da UnB, que é a Batalha da Escada¹, em projeto de extensão.

Portanto, é possível verificar que a orientação que está acontecendo, mesmo que não venha do SOU, está de acordo com o Estatuto e Regimento Geral da Universidade de Brasília, no qual, em seu artigo 93º, afirma que a orientação acadêmica tem como objetivo fornecer as ferramentas necessárias para o bom desenvolvimento dos estudos do aluno durante sua permanência.

Entre os demais alunos, que não tiveram este contato, dois afirmaram que não sentem falta da orientação em suas vidas acadêmicas. Dentre os outros dois, um aluno, do primeiro semestre do curso de Engenharia da Computação, afirmou que sentiu falta de uma orientação, relatou que se sentiu perdido e que não conhecia a universidade onde está estudando, contou também que acha que a orientação acadêmica seria de muita ajuda para os calouros, pois os ajudaria a se localizarem dentro da universidade e do curso. O outro aluno, no último ano do curso de Engenharia da Computação, afirmou que sentiu falta da orientação na questão de conhecer as oportunidades e possibilidades dentro da universidade. Estes alunos que sentiram falta, principalmente o do primeiro semestre, conseguem enxergar o impacto que a orientação acadêmica tem na vida dos alunos, porque eles se sentiram prejudicados, de alguma forma, pela falta dela.

Foi possível verificar, também, que cinco dos oito alunos entrevistados possuem uma noção das possibilidades de carreira após o término de seus cursos. Destes, uma aluna do primeiro semestre do curso de pedagogia, disse que aprendeu sobre essas possibilidades na disciplina Projeto 01. Os demais estudantes disseram que aprenderam sobre isso através de pesquisas na *internet*, conversas com professores e veteranos do curso, assim como também através de práticas de estágio. Por outro lado, três dos oito alunos entrevistados responderam que não conhecem as possibilidades de carreira. Além disso, foi perguntado se os alunos conheciam todas as possibilidades que possuem dentro da UnB, tais como projetos de extensão, iniciação científica, assim como questões de responsabilidade do aluno, como matrícula e pendências na secretaria. Os alunos responderam, em sua totalidade, que receberam essas orientações e informações através de outros alunos e de pesquisas. Os estudantes relataram, também, a questão do “apadrinhamento” que existe dentro dos cursos. Relataram que esta relação com seus veteranos os

¹ Batalha de MC's que ocorre toda quarta-feira a partir das 18:00 no Teatro de Arena na UnB.

ajudou bastante a entender como a universidade funciona. Foi possível perceber, na fala dos estudantes, que um dos meios mais citados para a descoberta dessas possibilidades, foi através de cartazes e panfletos colados nas paredes do Instituto Central de Ciências (ICC) e dos prédios de seus respectivos cursos. A orientação acerca destes tópicos pode ser encontrada no Serviço de Orientação ao Universitário, pois fazem parte da competência da orientação acadêmica, mas, como o serviço não possui esta divulgação e os alunos não sabem de sua existência, precisam procurá-la em outros lugares.

Apesar desta falta de acesso à orientação do SOU, os alunos não se sentiram oprimidos pela universidade e suas responsabilidades como estudantes. Mas dois alunos disseram que se sentiram sozinhos durante a graduação e uma aluna disse que se sentiu ansiosa por causa dos trabalhos e responsabilidades acadêmicas. Uma aluna do 8º semestre de pedagogia relatou que não se sentiu sozinha, porque tinha uma apostila que explica o fluxo de disciplinas do curso, que recebeu no primeiro semestre do curso, na disciplina de orientação acadêmica.

Dos oito entrevistados, apenas dois afirmaram ter recebido algum tipo de orientação sobre trabalhos acadêmicos, sendo um aluno do primeiro semestre de seu curso e o outro do último ano. O aluno do primeiro semestre relatou que recebeu esta orientação sobre as normas da Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT) em uma disciplina que está cursando, mas a disciplina é módulo livre em seu currículo e também não é uma disciplina voltada para esta orientação. O outro aluno disse que recebeu um pouco de orientação de seus professores que explicavam, por alto, o que queriam nos trabalhos. Tanto estes dois alunos, quanto o restante dos entrevistados, falaram que pesquisaram as normas e maneiras de fazer os trabalhos na *internet*, por conta própria. Uma aluna do primeiro semestre ressaltou ainda que os professores exigem as regras da ABNT desde o primeiro semestre, mas que ela não tem essa experiência, pois possui apenas as experiências de trabalhos do Ensino Médio, que não exigem estas normas. Esta é uma orientação que falta inclusive por parte dos professores, que precisam lembrar que estes alunos, que ingressam na universidade, possuem bagagens escolares e, caso não seja orientado de outra maneira, irão continuar reproduzindo o que aprenderam na escola. A orientação acadêmica, por ter esse caráter de facilitar a vida do estudante universitário, deveria estar acontecendo inclusive na questão dos

trabalhos acadêmicos, que são parte tão importante da graduação e pós-graduação.

A opinião dos alunos entrevistados sobre a maneira como a orientação é tratada na Universidade de Brasília, ou em seus respectivos cursos e através de experiências, é que a orientação deveria acontecer desde o primeiro semestre do curso, uma vez que, para o aluno construir seu caminho de formação ao longo do curso, é necessário que ele saiba onde quer chegar. Foi apontado, também, que a orientação que já existe é boa, porém fraca, e que a orientação deve ser um processo continuado, não apenas, no caso da pedagogia, uma disciplina no começo do curso.

Ao final da entrevista, foi perguntado se os alunos teriam interesse em participar de um projeto de extensão ou disciplina, onde eles receberiam créditos ao serem orientados. Todos os alunos entrevistados disseram que esta ideia é algo interessante para eles, principalmente nos primeiros semestres do curso. Um aluno ainda, do primeiro semestre do curso de Engenharia da Computação, disse que vai procurar os serviços do SOU para o próximo semestre.

2.4.2. Apresentação dos resultados da entrevista com a Pedagoga

A pedagoga entrevistada possui pós-graduação em psicopedagogia. Ela afirmou que o trabalho do SOU é interdisciplinar e que a equipe de lá é formada por pedagogas e psicólogas escolares. Contou que o atendimento geralmente acontece individualmente, mas que também ocorre em grupo, quando é sobre um tema específico. Citou o exemplo de oficinas que já aconteceram sobre o programa Ciências Sem Fronteiras. Ela conta que não existe uma forma ou fórmula específica de orientação acadêmica e que o processo se dá através da escuta e autorreflexão por parte do aluno, em que ele vai se percebendo e, com o auxílio de planos de estudos e algumas recomendações feitas pelo SOU, o próprio aluno pensa nas suas estratégias. Relata, também, ao ser questionada se acha que seu trabalho é valorizado da maneira como deveria, que o importante é o estudante estar sendo orientado e que a orientação acadêmica, assim como a universidade, existem para o aluno. É possível enxergar, na fala da pedagoga, que a orientação que está ocorrendo no SOU está de acordo com os documentos que a regulamentam. É uma orientação com o objetivo de empoderar o aluno a ser sujeito participante de sua formação superior, em que o aluno é o centro da orientação e ela existe para ele. É

possível ver, também que a questão da orientação acadêmica individual sobre alguma dúvida ou problema que o aluno estiver tendo, assim como a orientação em grupo, sobre um tema específico, estão acontecendo de acordo com as modalidades previstas pela RESOLUÇÃO DO CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO N. 41/2004.

De acordo com a entrevistada, a maioria dos estudantes que procuram o serviço são estudantes que procuram algum tipo de orientação acadêmica, assim como alunos que procuram atendimento clínico psicológico. Para estes, a equipe de lá explica que, apesar de possuir psicólogas, o atendimento que acontece no SOU é de acompanhamento acadêmico e os encaminham e os indicam para os serviços que procuram de atendimento psicoterápico. Ainda sobre isso, a pedagoga afirma também que estes alunos continuam frequentando o SOU para ter esse diálogo e conversa enquanto esperam ser atendidos por estes outros serviços, uma vez que a lista de espera pode ser muito grande e demorada, mas a escuta não pode deixar de acontecer. Sobre os alunos que são encaminhados para a orientação acadêmica, ela disse que são aqueles que estão "em condição" de desligamento e aqueles que têm interesse em mudar de curso. Ela disse também que os alunos em condição são encaminhados por seus coordenadores o que é adequado à maneira como a RESOLUÇÃO DO CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO N. 41/2004 prevê que seja feito o encaminhamento de quem está em uma situação que precisa da orientação urgente.

A pedagoga relatou que, nos últimos anos, o trabalho do SOU tem ganhado mais visão, uma vez que houve um aumento na inclusão dos alunos na universidade, através das novas maneiras de ingresso na educação superior. Por isso, a universidade tem pensado em mais maneiras de evitar a evasão acadêmica e a orientação faz parte dessas estratégias. Ela justifica que não adianta a UnB abrir as portas para mais alunos, se ela não der condições para estes permanecerem e que, por isso, passos significativos têm sido dados em relação à orientação.

Quando questionada sobre quais características ela julga serem importantes um orientador possuir, foi citado que é muito importante a sensibilidade para perceber o próximo através da escuta. Ela afirma que o pedagogo possui essa

sensibilidade de escutar, ouvir e auxiliar o estudante a se perceber, sem agredir ou invadir seu espaço pessoal. Ela falou bastante sobre perceber a fala do aluno e relatou, também, que é uma escuta individual, mas também é ampliada, uma vez que o aluno pode trazer preocupações que os estudantes do curso, em geral, têm e que cabe ao SOU analisar isso e entrar em contato com a coordenação do curso, a fim de mediar e chegar à conclusões sobre o que estiver acontecendo. Esta fala mostra a importância de o pedagogo ser esse orientador, pois é este profissional que é formado para “identificar problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, com vistas a contribuir para superação” (RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, 2006, p 2). Contou também que seu relacionamento com seus orientandos é muito bom, que a equipe toda do Serviço de Orientação ao Universitário visa o bem dos alunos e que sentem um carinho muito grande por cada aluno.

A profissional do SOU disse que não acha que seria produtiva a ideia de existir uma disciplina ou projeto de extensão onde os alunos receberiam créditos para serem orientados, uma vez que a orientação apenas funciona se as duas partes realmente quiserem. Que a orientação não tem o mesmo valor quando o estudante não está estimulado, por conta própria, a receber a orientação.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente é necessário reconhecer que, devido à natureza exploratória do estudo, os resultados são apenas uma amostra, e geraram problemas interessantes para futuras pesquisas. Para realizar uma análise estatística e mais precisa sobre as relações de orientação acadêmica na Universidade de Brasília, são necessários maiores recursos, tempo e ampliar a amostra estudada. Assim como, para futuras pesquisas, sobre a maneira como a orientação acadêmica ocorre nas universidades brasileira.

Através dos estudos feitos aqui neste trabalho, foi possível verificar que a orientação acadêmica está acontecendo, de fato, na Universidade de Brasília, bem como os impactos que esta atividade, e a falta dela, têm na vida dos estudantes. Mas, apesar de ser um direito inegável do estudante e uma obrigação da instituição responsável pela formação, é difícil o aluno exercer esse direito, uma vez que a instituição não está divulgando estes serviços. A questão gerada através deste problema é: Por que não está havendo esta divulgação? Apesar de ser localizado no centro da educação na UnB, o espaço do SOU não é muito grande, levando em consideração que é um serviço disponível para todos os estudantes da universidade. Seria este o motivo da falta de divulgação? E, se for, uma solução seria aumentar a equipe e facilidades do SOU, uma vez que a orientação acadêmica é um direito do estudante. É necessária a valorização destes trabalhos na Universidade de Brasília.

Também foi possível concluir que os estudantes da UnB têm interesse em serem orientados sobre seus direitos e deveres dentro da instituição, mostrando interesse em alguma espécie de projeto de extensão ou disciplina de orientação acadêmica. Os alunos da Universidade de Brasília querem a orientação acadêmica, mas, muitas vezes, nem sabem que possuem este direito. A falta de divulgação tira este direito deles, antes mesmo dos alunos terem a oportunidade de reivindicá-lo.

Percebeu-se que as relações de orientação que estão ocorrendo no Serviço de Orientação ao Universitário estão de acordo com a teoria de Quixadá Viana e Veiga (2007), valorizando o relacionamento com o aluno e a construção dos objetivos com o aluno, ao mesmo tempo em que o orientador dá o espaço para o aluno se tornar autônomo e criar suas próprias estratégias de estudos.

Por fim, foi possível verificar a importância da orientação acadêmica na vida dos estudantes universitários e algumas consequências da falta dela. Assim como verificar, com a pedagoga, que esta relação promove a emancipação do aluno, que se torna sujeito de sua própria educação, refletindo sobre si mesmo, e chegando a estratégias para melhorar e facilitar sua jornada acadêmica.

Conclui-se também, a partir da análise dos dados, que a orientação acadêmica, por ser uma relação que envolve seres humanos que são subjetivos, não é perfeita. Mas não é por isso que se deve deixar como está. É necessária a continuação da pesquisa sobre estas relações e a realização de ações, a fim de divulgar os serviços do SOU. Algumas ideias e sugestões foram levantadas para lidar com este problema. Uma sugestão é a confecção e disponibilização de vídeos orientando sobre a maneira de mexer no sistema de matrícula da universidade. Ao final do vídeo, existiriam informações sobre como entrar em contato com o Serviço de Orientação ao Universitário, a fim de fazer esta divulgação do serviço, principalmente para os calouros.

Este estudo também contribui para a área da orientação devido à falta de produções acadêmicas sobre o assunto, acerca do que é, de fato, a orientação acadêmica, e de que maneira ela está acontecendo na Universidade de Brasília.

4. PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

Devido aos resultados encontrados nesse trabalho, após a conclusão da graduação, pretendo continuar pesquisando, em mestrado e futuramente doutorado, sobre as relações de orientação, com o intuito de aumentar os materiais de referencial teórico sobre o assunto, assim como aumentar a visibilidade da orientação como prática social importante. Também exercer a função de orientadora, a fim de tentar ajudar ao máximo os alunos que se sentem desorientados ou sem perspectivas. Como também ser professora de nível fundamental I e professora de ensino superior.

5. REFERÊNCIAS

BINET, A. Préface. In ***L'Année psychologique***. Paris: Masson, 1908, nº 8.

CLOT, Y. ***La fonction psychologique du travail***. Paris: PUF, 1999.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Resolução n.1, de 15 de maio de 2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília, DF.

DANVERS, F. ***700 mots-clef pour l'éducation***. Lille: PUL, 1992.

_____. FACULDADE DE EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Ementa/Programa da disciplina Projeto 01 – Orientação Acadêmica Integral (OAI)**. Disponível em:

< https://wwwsec.serverweb.unb.br/graduacao/disciplina_pop.aspx?cod=194638 >. Acesso em 05/07/2017.

_____. FACULDADE DE EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Projeto acadêmico de pedagogia UnB, 2002**. Disponível em: < <http://www.fe.unb.br/images/graduacao/PROJETO%20ACADEMICO%20-%20atualizado%20-%20FE%20COM%20ALTERACOES%20ATE%20%2016-12-2010.pdf> > Acesso em: 05/07/2017

GIL, Antonio. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUICHARD, J. **Problemáticas e Finalidades da Orientação**. *Revista Europeia* 26/08 (2002).

GYSBERS, N. C.; HEPPNER, M. J.; JOHNSTON, A. ***Career counselling: process, issues and techniques***, Boston: Allyn & Bacon, 1998.

MACHADO, A. M. N. (orgs.). **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações**. 2 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2006.

PARSONS, F. ***Choosing a vocation***. Boston: Houghton Mifflin, 1909.

QUIXADÁ VIANA, Cleide Maria Quevedo, VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (2007)

Orientação acadêmica: uma relação de solidão ou de solidariedade?. Disponível em: < <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT04-3345--Int.pdf> >. Acesso em: 20/06/2017.

_____. **Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão n. 008/89**. Fixa as competências de Coordenadores de Cursos de graduação da universidade de Brasília. Brasília, DF, 14 ago. 1989.

_____. **Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão n. 41/2004**. Brasília, DF, 10 mai. 2004. Disponível em:
<http://unb2.unb.br/administracao/decanatos/deg/downloads/circ_resol/cepe_41_2004.pdf> Acesso em: 17/04/2017

SCHLOSSBERG, N. K.; WATERS, E. B.; GOODMAN, J. ***Counseling adults in transitions – Linking practice with theory*** (2ª edição), Nova Iorque: Springer, 1995.

TOULOUSE, É. – Les règles du travail. ***Le Journal***. 20 de setembro de 1903.

_____. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Regimento Geral da UnB**. Disponível em:
< http://www.unb.br/unb/transparencia/downloads/regimento_estatuto_unb.pdf > .
Acesso em: 07/06/2017.

APÊNDICES

Apêndice 1: Roteiro para Entrevista com estudantes da Universidade de Brasília.

- **Perfil dos sujeitos da orientação acadêmica**

1- Nome:

2- Idade:

3- Curso/semestre:

4- Gênero:

- **Sobre os impactos da orientação acadêmica:**

5- O que você entende por Orientação Acadêmica?

Levando em consideração a Orientação Acadêmica como uma atividade onde um professor-orientador informa a seus alunos acerca da história, estrutura e funcionamento do ensino da universidade em que estudam, possibilidades de carreira do curso, o projeto acadêmico do curso, tal como ensinar e orientar sobre os trabalhos acadêmicos que serão exigidos durante o curso, e também orientar os alunos na escolha das disciplinas a serem cursadas, bem como outras modalidades de formação e “informações e recomendações necessárias ao bom desenvolvimento de seus estudos durante sua permanência no curso” (Estatuto e Regimento Geral da UnB, art 93º, pg 63-64).

6- Você já teve algum contato com a Orientação Acadêmica?

Se SIM:

6.1- De qual tipo? Por quanto tempo? O que te levou à orientação acadêmica? Alguém te indicou ou encaminhou para a orientação?

7- Quais impactos você vê que a orientação acadêmica teve durante sua jornada na UnB?

8- Você já ouviu falar do Serviço de Orientação ao Universitário (SOU)?

9- Qual sua opinião acerca da maneira como a orientação é tratada aqui na UnB?

10- Você conhece todas as possibilidades de carreira/trabalho do seu curso? Se sim, onde e como aprendeu sobre isso?

11- Como você descobriu todas as possibilidades que você tem dentro da UnB, tais como projetos de iniciação científica, de extensão, questões de matrícula, e etc?

12- Em algum momento de sua graduação, você se sentiu sozinho ou oprimido pra Universidade e suas responsabilidades como estudante?

13- Se a orientação acadêmica se tornasse uma espécie de projeto de extensão ou disciplina, onde você ganharia créditos ao ser orientado, você a procuraria?

Se NÃO:

14- Você sentiu falta de algum tipo de orientação durante sua graduação?

15- Você já ouviu falar no Serviço de Orientação ao Universitário (SOU)?

16- Você conhece todas as possibilidades de carreira/trabalho do seu curso? Se sim, onde e como aprendeu sobre isso?

17- Como você descobriu todas as possibilidades que você tem dentro da UnB, tais como projetos de iniciação científica, de extensão, questões de matrícula, e etc?

18- Em algum momento de sua graduação, você se sentiu sozinho ou oprimido pela Universidade e suas responsabilidades como estudante?

19- Se a orientação acadêmica se tornasse uma espécie de projeto de extensão ou disciplina, onde você ganharia créditos ao ser orientado, você a procuraria?

- **Sobre a orientação acadêmica para trabalhos**

20- Você já teve alguma orientação acerca de trabalhos acadêmicos? (a maneira certa de redigi-los, o que cada tipo de trabalho pede)

21- Se sim, onde e com quem ocorreu essa orientação?

Apêndice 2: Roteiro de Entrevista com a pedagoga que atua no SOU

1- Qual sua formação profissional?

2- Quais são suas atribuições em relação à orientação acadêmica?

3- Quem normalmente procura o SOU?

4- Quem normalmente é encaminhado para o SOU?

5- Quais são as fontes e maneiras de divulgação dos serviços do SOU?

6- Para você, qual é a importância da orientação acadêmica na vida dos alunos da UnB?

7- Quais são os meios usados para a orientação aqui no SOU? (somente presencial, em grupo, através da internet)

8- Em sua opinião, e com base no seu trabalho, quais são as características mais importantes que um orientador deve ter?

9- Você acha que seu trabalho aqui no SOU é valorizado da maneira como deveria?

10- Qual sua opinião acerca da maneira como a orientação é tratada aqui na UnB?

11- Como é sua relação com seus orientandos?

12- Você acredita que a orientação acadêmica, como disciplina ou projeto de extensão, onde o aluno ganharia créditos ao ser orientado, seria um incentivo que funcionaria para mais alunos procurarem a orientação?